

CAUSE

ARTE

[ISSUE 04]

CAROL TRENTIN
PORTINARI
OSGEMEOS
VALTER HUGO MAL
OSKAR METSAVAHT
CAROLINA MIZRAHI
NANI RUBIN
RUY OHTAKE

Nº 04 . 2016 . R\$ 40



MELISSA STABILE

Por Tobi Maier

Você formou em cinema pela FAAP em 2001, porém o cinema não ocupa um lugar muito presente, e seus trabalhos da última década são mais esculturais. Qual a abordagem que você deu ao cinema no seu trabalho depois dos seus estudos?

Sempre tive uma ligação muito forte com artes plásticas. Nasci e cresci no interior de São Paulo, numa época pré-internet, onde a informação era muito limitada. A cena de artes com que tinha contato na época era muito mais ligada ao figurativo ou ao artesanato, coisas com as quais não me identificava.

No momento do vestibular, queria me mudar São Paulo. Cinema era algo que me encantava por juntar várias artes em uma só; literatura no roteiro, música na trilha, artes plásticas em cenário. Imediatamente me identifiquei com direção de arte e, principalmente, cenografia, onde se trabalha volumetria, combinação de cores e texturas, tridimensionalidade dos espaços. Porém, tudo precisa ser muito vinculado à construção do personagem, o que me deixava insatisfeita. Então o caminho para as artes plásticas surgiu de maneira muito natural.

Hoje avalio como benéfico este caminho “torto”, apesar de seu preço. Vir com outras referências me deu liberdade para construir minha formação de um jeito mais intuitivo. Passei a estudar artes plásticas através de cursos, livros e principalmente exposições.

Aplico o que aprendi com cenografia em meu trabalho e acabei focando em esculturas, talvez pela prática de pensar sempre nas três dimensões. Sempre concebo uma peça avaliando como ela irá interagir com seu entorno. A relação objeto e espaço é muito intrínseca em cenografia. Nela, se o objeto não tiver uma razão para estar lá, ele não faz sentido. Esta é uma premissa válida para mim. A escultura tem que dialogar com seu entorno, criar uma relação com seu espaço e com quem a presença. Conseguir gerar uma sensação em quem está ali presente é um terceiro elemento que considero o sucesso da peça. Isso não é fácil. Mas, quando acontece, sinto que o trabalho está completo.

Ao longo dos anos você tem assistido a Lenora de Barros em várias produções. O gesto performativo da Lenora é algo que se traduziu para o seu próprio trabalho autoral?

Meu encontro com Lenora de Barros foi arrebatador. Logo no primeiro momento nos identificamos muito e nos demos muito bem. Fui sua assistente no projeto O cordão dos mentecaptos, para o Pivô, em 2015/2016. Ela por si própria é uma performance que não para nunca; a voz, o cabelo, sua figura

Antes de trabalhar para ela, já participava de performances coletivas com o Ricardo de Castro e Avaf. Mas me considero uma pessoa um tanto tímida para segurar uma performance sozinha. Transfiro esse papel para as peças “Confortáveis”. Elas sim são performáticas! São peças criadas para se relacionarem com seu detentor ou espectador e propõem uma experiência sensorial.

As vezes, em exposições, para quebrar a barreira de peças que devem ser apenas apreciadas de longe me envolvo nas peças convidando as pessoas a experimentá-las. Mas a performance só se realiza quando outras pessoas começam a tocá-las, vesti-las e experimentá-las. Acho que posso chamar este momento de performance.

Colaboração tem sido um fator recorrente na sua prática como artista plástica. Uma dessas colaborações se deu através da parceria com Assume Vivid Astro Fo-

cus, na exposição “Absolutely venomous accurately fallacious (naturally delicious)”, na Deitch Projects, em Nova York, e na 28a Bienal de São Paulo, ambos em 2008. Como surgiu e qual forma tomou a sua colaboração com AVAF?

Quando comecei meus estudos e prática em artes plásticas, por volta de 2005, fazia desenhos intuitivos em nanquim, que aconteciam sem eu planejar, e que se entrelaçavam, se juntavam e iam para um outro lugar no papel, onde se multiplicavam e floresciam. Para mim, pareciam mapas de escolhas pessoais/destinos. Simbolicamente os encontros com pessoas ao longo da vida, e que muitas vezes florescem.

Meu encontro com Eli Sudbrack (artista que, juntamente com Christophe Hamaide-Pierson compõe o AVAF) com certeza foi um destes encontros. Na época, 2006, ainda fazia trabalhos de cenografia e participava de outros projetos. O Avaf estava montando a exposição Abra Vana Alucinete Fogo, na galeria Triângulo. Considero esta exposição explosiva, e representou minha passagem irreversível para o mundo das artes plásticas. E celebramos accurately fallacious (naturally delicious)”, na Deitch Projects, em Nova York, e na 28a Bienal de São Paulo, em 2008, naquela loucura antropofágica colorida.



Na mídia impressa você tem colaborado com os artistas Dudu Bertolini e Kleber Matheus, em 2014. Na ocasião, você contribuiu os assim chamados Origamis de Vidro para o 2Fanzine. É algo natural ver sua prática transitar entre meios diferentes?

Os "Origamis de Vidro" foram peças realizadas em 2007, logo após a série "Insulfim". Achava entediante desenhar sobre um plano de vidro ou espelho. Era uma tentativa de dobrar aquele plano enfadonho. Naquela época, dividia um estúdio com o Kleber Matheus. Ele e o Dudu já tinham começado esse projeto, o 2Fanzine, e havia a intenção de uma edição mais focada em artes plásticas, que se concretizou em 2014. Acho muito especial transitar por vários meios. Misturas inesperadas podem gerar resultados surpreendentes. Perde-se muito quando nos fechamos em um determinado grupo ou meio. Como tenho um histórico de ações coletivas, não me vejo fechada em um mundo particular. Mais é melhor! Aprendi isso com o Dudu Bertholini, que me mostrou como é valioso estar aberto a tudo e a todos. Ideias pré-concebidas nos privam de boas experiências.

Na exposição ESPONJA, de Yusuf Etiman na SOLO SHOWS, em São Paulo, você contribuiu uma série nova, confortáveis (2015). Eles lembram poríferas do mar, construídos em tamanhos e de materiais diversos, e cada um tem um nome próprio. Qual foi a sua epifania na criação destes bichos? A série terá continuação?

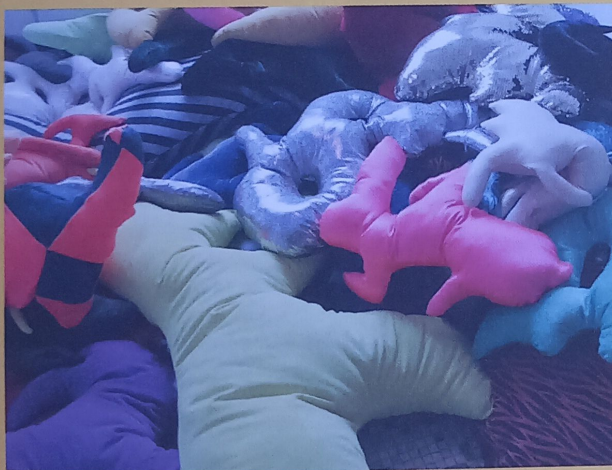
Tenho um filho que, quando pequeno, corria para pegar uma almofadinha em formato de boneco e a abraçava quando se deparava com situações de desconforto ou tristeza (podia ser por um motivo bobo, do tipo: a chupeta caiu, ou o brinquedo desmontou). Aquilo lhe trazia conforto e paz. Confesso que sentia um pouco de inveja daquele objeto e pensava que todo mundo deveria ter um daqueles para abraçar e se sentir seguro. Concluí que era algo essencial para a nossa vida adulta. Então, veio a ideia de construir objetos e esculturas que as pessoas pudessem abraçar e encontrar conforto. Por isso os chamados "Confortáveis". Junto com isso tinha o desejo de tridimensionalizar os desenhos gestuais, orgânicos que faziam parte de meu trabalho, mas não sabia em qual material. Essa união me pareceu perfeita na ocasião. Passei a desenhá-los sem planejamento ou estudo. Deixando apenas o traço correr naturalmente pelo tecido de forma única. Impossível fazer, intencionalmente, duas iguais.

O desenho bidimensional se assemelhava à plantas e rios. Uma vez que ganharam volume, passaram a parecer com outros tipos de formas orgânicas, como verdadeiras criaturas! Dou nome à elas para reforçar sua individualidade e existência. Para tornar estes objetos mais escultóricos e performáticos, foi necessária uma grande pesquisa de materiais. A variedade de texturas e cores dos tecidos unidos ao recheio tinham que tornar a peça atraente, para que o espectador tivesse vontade de tocá-las. E ao fazê-lo, tinha que sentir as nuances de cada um, para só então se jogar e se deixar envolver numa experiência sensorial extremamente hedonista.

Elas funcionam bem individualmente, onde sua proporção ao corpo humano, favorece o encaixe. Ao acumulá-las, tomam outra dimensão. Tornando-se uma grande escultura que transforma o espaço. Com a manipulação das pessoas, esta grande escultura se torna viva, mudando sua forma a cada intervenção feita por um usuário. Na mostra ESPONJA, de Yusuf Etiman na SOLO SHOWS em São Paulo, as instalamos num ambiente delimitado para que elas pudessem mudar ao longo da exibição. Atualmente trabalho numa vertente dos "Confortáveis", chamada "Xifópagos-Bilíngues e Xifópagos-Xenófobos". Nelas, dois seres unidos têm que se relacionar - ou se suportar -, podendo ser uma relação equilibrada ou não. No caso dos Xifópagos-Bilíngues, apesar de suas diferenças, a relação é bem sucedida. Ambos se juntam e formam uma terceira forma. Um está extremamente familiarizado com a linguagem do outro. Já no caso dos Xifópagos- Xenófobos é impossível um aceitar as diferenças do outro. Estão grudados e nunca se livrarão um do outro, portanto a crise será perene. Essa discussão se abre para os mais diversos significados; político, emocional, científico, humano, animal, e por aí vai. Trata-se de uma série sobre relações, atração e repulsão. ■



Melissa Stabile
Confortáveis (2016)
Mixed media, dimensões variadas
Cortesia da artistas e SOLO SHOWS, SãoPaulo
Foto: Melissa Stabile



Melissa Stabile
Confortáveis (2016)
Mixed media, dimensões variadas
Cortesia da artistas e SOLO SHOWS, SãoPaulo
Foto: Daniel Soro